

Escritas para o Antropoceno: conferência-performance “Antropocenas” (2017)

Rita Natálio

Universidade de Lisboa
Lisboa, Portugal
ritana@gmail.com
orcid.org/0000-0002-5561-2608

Resumo | Neste artigo, apresento o texto que desenvolvi para a conferência-performance “Antropocenas” realizada em 2017. O texto muitas vezes acompanhado de ritmos binários e ternários, procura mergulhar na discussão em torno do conceito de Antropoceno e da atual crise climática, narrando uma história entrelaçada e parcial das perspectivas da natureza e humanidade no contexto da arte ocidental. Entre o poema e a conferência, “Antropocenas” se implicava (tanto quanto se complicava), entre as teses do “excepcionalismo humano”, a importante contribuição de Philippe Descola para a crítica ao pensamento ocidental como ontologia naturalista, e a fracassada visão não-antropocêntrica do Antropoceno.

PALAVRAS-CHAVE:
Antropoceno. Dança. Poesia.

Anthropocene writings: lecture-performance “Anthropocenas” (2017)

Abstract | In this article, I present the original text I developed for the lecture-conference “Anthropocenas” (2017). The text, often accompanied by binary and ternary rhythms, sought to delve into the discussion around the Anthropocene and the current climate crisis, narrating an intertwined and partial story of the perspectives of “nature” and “humanity” in Western art. In between a poem and a lecture, “Anthropocenas” was engaged with a critic to human exceptionalism, Philippe Descola’s contributions to the critique of Western thought as naturalist ontology and a failed non-anthropocentric vision of the Anthropocene.

KEYWORDS: Anthropocene. Dance. Poetry.

Escrito para el Antropoceno: conferencia-performance “Antropocenas” (2017)

Resumen | En este artículo presento el texto que elaboré para la performance-conferencia “Antropocenas” celebrada en 2017. El texto, muchas veces acompañado de ritmos binarios y ternarios, buscaba ahondar en la discusión en torno al concepto del Antropoceno y la actual crisis climática, narrando una historia entrelazada y parcial de las perspectivas de la “naturaleza” y la “humanidad” en el contexto del arte occidental. Entre el poema y la conferencia, “Antropocenas” estuvo envuelto (tanto como “complicado”), entre las tesis del excepcionalismo humano, la importante contribución de Philippe Descola a la crítica del pensamiento occidental como ontología naturalista, y la fallida visión no antropocéntrica del Antropoceno.

PALABRAS CLAVE: Antropoceno. Danza. Poesía.

Enviado em: 04/10/2021
Aceito em: 28/10/2021
Publicado em: 20/12/2021

Introdução¹

“Antropocenas”, conferência-performance criada em 2017 em Portugal e apresentada nas cidades de Lisboa, Cartaxo, Guimarães, Évora, Porto, Nyon e Metz, resultou da colaboração entre mim e o coreógrafo João dos Santos Martins com a contribuição de diversas pessoas atuantes nas áreas da ecologia, dança, antropologia e artes visuais, como as coreógrafas Ana Pi e Ana Rita Teodoro, e artista visual e escritor Pedro Neves Marques, o músico Winga Kan, a performer, escritora e pesquisadora Jota Mombaça, e o artista indígena Macuki Jaider Esbell, entre outros. Neste projeto, partia-se da discussão em torno do Antropoceno e da atual crise climática, mas também de cosmologias ameríndias, etnografias multiespécie e racismo estrutural para pensar e invocar diferentes posições face à divisão entre natureza e humanidade. Através da justaposição e confluência de diversas práticas artísticas que implicavam o convívio no palco de: esculturas em mármore; topiárias; diversas práticas de dança como butoh, twerk, voguing e dança barroca ou dança moderna americana; cerca de vinte instrumentos musicais tradicionais; um vídeo com montagem documental de referências da história da dança, bombas atômicas, próteses, terapias na água e etc. A proposta atualizava a disputa em torno do divisor natureza/humanidade através de um questionamento das bases conceituais que informam o conceito geológico de Antropoceno.²

Respondendo ao desafio da Revista Conceição, optei por apresentar uma parte do texto original desta performance, escrito e performado por mim no contexto mais alargado e coletivo deste projeto. Neste texto, tentei pensar uma alteração da linguagem sobre o Antropoceno e propor uma politização deste conceito através de uma perspectiva não-hegemónica do mundo natural e de uma crítica à sua representação estética no contexto euro-norte-americano, assim como um questionamento sobre a responsabilidade e a violência ecológica, a partir de uma matriz racial-colonial-cisgênero. Considerando que o radical *anthropos* de Antropoceno é anunciado como a “espécie inteira” (e a espécie é projetada como agente geológico superpoderoso), o debate em torno do conceito tende a ocultar, intencionalmente, a infraestrutura capitalista, racista, etnocêntrica, patriarcal e colonialista que condiciona um processo de segregação e separação entre humanos, e que atribui a certos humanos o estatuto de objetos ou de não-humanos, impedindo-

¹ **Conceção e curadoria** | Rita Natálio, João dos Santos Martins; **Proposta inicial e texto** | Rita Natálio **Dança** | Ana Pi, Ana Rita Teodoro, Bhenji Ra, João dos Santos Martins; **Artes Visuais** | Pedro Neves Marques; **Música** | Winga Kan; **Assistência dramaturgica e de ensaios** | Joana Levi; **Performer-conferencista** | Jota Mombaça AKA Mc Katrina; **Participações especiais em diferentes cidades:** Melissa Rodrigues, Jaider Esbell, Maria Inês Gameiro, Pedro Fazenda, Manuel Miranda Fernandes, Alexander Federau | **Escultura** | Alexandra Ferreira, Vera Mota; Arlette Vos; **Topiária** | Sr. Vilarinho | **Luz** | Eduardo Abdala; **Som** | João Pratas; **Consultores e autores de publicação** | Renato Sztutman, Suely Rolnik, Ailton Krenak, Paulo Tavares; **Design de Publicação** | Isabel Lucena; **Produção** | Circular Associação Cultural; **Apoio à produção** | Associação Parasita; **Coprodução** | Centro Cultural Vila Flor, Materiais Diversos, São Luiz Teatro Municipal/Festival Temps d’Images; **Apoio** | Fundação GDA, Goethe-Institut São Paulo, Departamento de Biologia Vegetal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, MARE — Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, Forbo Flooring Systems, Departamento de Escultura em Pedra do Centro Cultural de Évora, Linde, LX Road Lights, O Espaço do Tempo, Rua das Gaivotas 6, Pólo Cultural Gaivotas Boavista, Câmara Municipal de Lisboa; **Residências** | Alcantara, Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, Centro de Criação do Candoso, Culturgest, Devir Capa, Materiais Diversos, O Espaço do Tempo, 23 Milhas; **Parcerias** | BUALA| Projeto apoiado pela República Portuguesa: Cultura / DG Artes Direção—Geral das Artes.

² O texto introdutório deste artigo foi vertido para o português brasileiro, e como o texto posterior se trata de uma obra artística da autora, o mantivemos em português de Portugal.

se de pensar diferentes responsabilidades face ao desequilíbrio climático contemporâneo.

Sendo uma conferência-performance, a proposta focava os diferentes modos de agenciar a natureza ou o espaço natural no contexto artístico e discursivo, invocando modelos históricos que inspiraram a representação estética da natureza e o pensamento econômico e político no Ocidente (*i.e.*, a natureza como objeto e recurso da economia ou a natureza como norma e referência da filosofia). A maior preocupação foi promover, pela escrita, o dismantelamento de uma voz científica hegemônica e dos seus pontos de vista “objetivos”, “neutros” ou “universais”, permitindo que pontos de vista saturados e sobrepostos coabitassem. Esse dismantelamento era igualmente estimulado pela abertura à flutuação de associações criadas pelos corpos em cena (pois os performers dançavam em paralelo e de forma autônoma em relação ao texto e de acordo com as suas próprias referências coreográficas), trazendo atenção sobre as múltiplas perspectivas em que natureza e humanidade podiam ser colocadas, mas também questionando uma hierarquia clara entre texto e movimento por sua simultaneidade absoluta.

Do ponto de vista do texto, os estilos literários de comunicação científica sobre o tema do Antropoceno misturavam-se com alternativas poéticas ou rítmicas. Colocava-se o texto em tensão face a um processo de normatização, fixação ou consolidação do sentido. O texto dividia-se em cenas ou situações nas quais se procurava diagnosticar o papel de quem fala e/ou do que é descrito, tendo em conta algumas funções naturalizadas na comunicação. Por exemplo, a primeira cena abordava o público sobre estar naquele momento no teatro, tendo em conta o colapso ecológico e a percepção da arquitetura do teatro a partir de uma escala *deep time*. A segunda e terceira cenas trabalhavam principalmente com a descrição da ação dos performers a partir de uma relação entre a história da arte, ritmo e a representação “ocidentalocêntrica” da natureza, justapondo o ato de falar a certos padrões rítmicos tocados em tambores. A quarta situação - que não apresento nesta edição - estabelecia uma relação entre escrever e falar com ambientes protéticos e a ideia de citação ou *corpus* bibliográfico (*i.g.*, fazer ginástica enquanto se lê em voz alta, e num computador, além de diversas citações sobre natureza e climatologia) e apenas na última cena se apresentava uma conferência mais convencional sobre o tema do Antropoceno, onde participavam, em cada cidade que apresentávamos, diferentes especialistas com intervenções sobre temas alavancados pela proposta.

Com esta introdução, não pretendo de forma alguma antecipar a performatividade sociopolítica e operativa do trabalho, até porquê a escrita está entrelaçada no seu convívio com uma equipe de cerca de 8 pessoas numa situação de performance ao vivo. Por outro lado, mesmo se a experiência estética estabelecia um compromisso com uma perspectiva de mudança social, também é preciso confiar que a poesia excede a forma e o controle da forma, mas que também opera um planeamento fugitivo (MOTEN; HARNEY, 2013), uma “reabertura do indefinido” com “o ato irónico de exceder o significado das palavras” (BERARDI, 2012, p.158). Nesse sentido, criar uma contra poética do Antropoceno só pode ansiar por um dismantelamento de figuras fixas, mas nunca por soluções. Escrever sobre o Antropoceno como um “misanthropoceno” (ou uma falsa *mise-en-anthropo-scène*) convida sobretudo a questionar o universalismo e a produzir uma colisão entre luto, responsabilidade e resistência.

Antropocenas (2017) – Excerto do texto da conferência-performance

Situação 1. Alterações climáticas e retrato geo-referenciado

(O texto é endereçado à audiência. Uma meditação guiada pelo espaço teatral, sobre os limites entre corpos humanos e não-humanos.)



Figura 1. Conferência performance "Antropocenas", João dos Santos Martins e Rita Natálio, Festival Far, Nyon. Fotografia de Arya Dil, 2018.

Boa noite, bem vindxs.
 Obrigada por terem vindo e por estarem sentades (onde é suposto).
 Aqui está calor e para variar estarmos cansades com as mudanças de temperatura.
 O ar condicionado está frio demais
 ou a sala está quente demais? Está abafado.
 Sente-te o cheiro mórbido dos nossos corpos desiguais.
 Ou foi aquela senhora do lado que não tomou banho,
 ou sou eu que me esqueci de colocar os sapatos,
 ou foi aquela pessoa que se esqueceu de lavar os olhos.
 Tanto faz.
 Este clima já não é o que era.
 Este corpo já não é o que era.
 O meio ambiente é um ambiente partido ao meio.
 As abelhas foram substituídas por máquinas de polinização.
 As ventoinhas foram substituídas por sons pré-gravados
 e mesmo o zumbido das televisões antigas
 ou o som deste machado a cortar madeira (dentro da minha cabeça),

foram arquivados em bancos de sons para adormecer pessoas com insônia ou tédio, e bom, também já ninguém desliga os telemóveis no teatro para que se possa aceitar aqui e agora o cheiro das baterias de *coltan* e da morte.

Boa noite, bem vindes.

Esta sala tem cerca de 30000 m³ para pessoas não humanas.

Esta sala tem cerca de 200 lugares para pessoas humanas.

"Ar", ar é uma palavra curta, muito curta, para descrever o que respiramos, ou o que filtramos deste encontro.

Mas eu acredito que a humanidade, a humidade desta sala,

quer dizer, o suor pestilento que produzimos todes juntas, poderá eventualmente gerar 2, 3 ou mesmo 4 litros de água pura ... se tivermos uma boa máquina.

É preciso estarmos sentades para pensar isto.

Não é preciso estarmos sentades para pensar nisto.

Os nossos intestinos foram intensamente habitados por micro-organismos, que podem nos fazer rir ou chorar,

e que podem fazer sentir dor.

As nossas línguas foram divididas:

língua de fantasmas, língua de serpentes, língua de *robots*.

Palavras como "género" ou "natureza"

são formas de catalogar abstrações, são metáforas.

Como dizer: "respirar pelo nariz significa dizer que estou viva".

E este som que ouvimos agora

é uma pré-gravação de alguém a inspirar pela boca misturado com o som da sua extinção precoce.

(*Pausa*)

Olá bem vindes.

Gostaria de vos convidar a fazer um exercício.

Eu gostaria de vos convidar a levantar as vossas mãos e a concentrar a vossa atenção no espaço entre elas, um espaço onde poderia caber uma almofada ou eventualmente uma almofada mais pequena, ou mesmo uma malinha.

Na verdade, eu gostava que vocês aproximassem as vossas mãos, até deixar o mínimo espaço possível entre os vossos dedos, um espaço onde caberia apenas uma folha de papel e que es japoneses chamam *kamihitoe* 紙一重.

Para fazerem a experiência teórico-prática,
convido-vos a imaginar uma folha de papel
depositada debaixo das vossas cadeiras.
Vocês pegam nessa folha, sentem a sua textura.

Esta folha de papel foi impressa em risografia,
uma técnica rápida e barata
que consiste em utilizar quadros pré-definidos
para duplicar a imagem de um texto
através de tintas à base de soja
(transgénica ou não),
com pigmentos muito fortes
como o rosa choque ou o laranja fluorescente.
E com as pontas dos vossos dedos
vocês podem sentir as tintas de soja
a passar por furos microscópicos, nesses quadros perfurados,
através de um tambor rotativo.

Para fazer esta impressão,
vocês podem escolher entre diferentes papéis porosos à disposição no mercado.
Vocês podem optar pelo papel *munken lynz*
um papel de alta qualidade
feito a partir de pasta de papel de madeira certificada,
em tom branco, natural...
Ou vocês podem optar pelo *shiro alga carta*,
um papel feito a partir de algas
que começou por aproveitar o excesso de algas na Lagoa de Veneza,
e que agora é um tipo de papel bonito e elegante,
mas também um pouco caro.
Ou vocês podem optar pelo papel *shiro tree free*
papel feito à base de bambu, algodão ou bagaço e
que dispensa a pasta de madeira.

Na verdade, o tipo de papel a escolher depende muito da vocação ecológica do comprador.

E no vosso caso, a folha de papel que vocês têm entre as mãos
chama-se *papago*.

O *papago* não é um papel reciclado,
não é um papel certificado.

Na verdade, ele foi encomendado a uma amiga designer
que, por sua vez, comprou o papel numa gráfica na rua da Horta Seca, em Lisboa
que, por sua vez, mandou vir o papel de Espanha, mais precisamente da Costa
Brava,

que, por sua vez, adquiriu o papel num local que não sabemos rastrear.

Como vêem, o espaço de *kamihitoe* 紙一重 é um espaço de contradição.

Ao mesmo tempo que ele nos pede que aproximemos as mãos,
ele também exige que as afastemos.

O povo indígena Yanomami,
representado no mundo branco pelo xamã David Kopenawa,
refere-se aos "livros" como "peles de imagens tiradas de árvores mortas"
elis ficam repugnados com a obsessão dos homens brancos pela fixação da memória.

Conseguem ouvir? Este som que ouvimos agora são árvores a pedir por socorro
misturado com o som da minha voz a apropriar a fala de um xamã sul-americano
para re-atribuir uma mínima humanidade à escrita.

(Pausa)

Agora gostava de vos convidar a imaginar um vibrador.
Eu não quero que utilizem esse vibrador agora.
Eu quero apenas que vocês se deixem guiar pelo som da sua vibração.
Ou pela vibração de uma máquina de café.
Ou pelo zumbido de máquina de aparar pêlos... Púbicos.

Debaixo das vossas cadeiras,
vocês podem sentir as fundações desta sala vibrar.
Elas são antissísmicas e foram construídas a pensar nos 200 lugares humanos aqui
colocados.

Entre 7 a 12 metros abaixo da superfície, essas fundações são feitas essencialmente
em cimento e metal, e a sua estrutura depende de muito da altura do edifício a
construir.

Mais abaixo, a cerca de 20 ou 30 metros abaixo da superfície,
começamos a encontrar alguma vida:

um solo arenítico e arenoso,
composto de muita terra seca, muita areia,
baixa capacidade de retenção de água,
baixo teor de matéria orgânica,
misturado com restos de alcatrão, plástico e minhocas.

O plástico é um ser humano
que vem essencialmente das garrafas de água
que serão depositadas ao longo dos anos nas camadas sensíveis da terra.

Quando a temperatura sobe muito, o plástico humano derrete
e mistura-se eventualmente com as pedras não-humanas,
com o cimento dos arruamentos humanos
e também com as minhocas não-humanas.

Então as minhocas, abraçadas com o plástico, o cimento, o alcatrão, a terra,
sonham connosco aqui sentades, do lado de cima.

Elas comem terra e descem mais fundo na terra,
elas comem a crosta terrestre em direção ao manto.

O som que estão a ouvir a agora
é o som de minhocas a derreter no plástico.
O som que estão a ouvir agora é o da minha digestão.

Mais abaixo, a cerca de 100 metros abaixo do chão,
 ou talvez 1100, 2100, 3100, 4100 metros,
 lá poderemos encontrar uma reserva de água - um aquífero - o rio Tejo,
 ou o que resta dele quando drena para fora das margens.
 Uma hipotética fonte de água do futuro,
 que poderá um dia vir a ser "humana",
 quando o plástico sensibilizar tanto a terra,
 que todas as fontes de água da superfície tenham secado
 e os humanos tenham ainda sede,

Mais abaixo, a cerca de 5, 6, 7, 8, 9 mil, 10 mil metros, 11 mil metros, 12 mil,
 é preciso que vocês se concentrem nesta penetração,
 lá podemos encontrar calor
 podemos ouvir um ritmo pulsante das entranhas
 uma sopa líquida de cheiros pestilentos
 onde várias várias várias
 matérias translúcidas e opacas do poder,
 cruzadas nos intestinos da terra,
 um coração palpitante dos microorganismos desses intestinos,
 uma espécie de percussão cardíaca e circulatória,
 onde podemos encontrar as provas arqueológicas de um ritmo universal.
 Ou melhor, de um massacre,
 de um massacre feito em cima desse ritmo universal
 de inúmeros povos e culturas
 microscópicas, bacteriológicas, macroscópicas,
 mas também geológicas, cósmicas e antropológicas
 um fumo pestilento de energias pretas e douradas inumanas
 escavadas, perfuradas, sugadas, penetradas
 a milhares de metros abaixo do chão
 a energia do tesão,
 que só algumas pessoas podem entender,
 quer dizer só algumas pessoas têm acesso a essa energia vaginal
 da extração
 do petróleo.
 Uma lama política.
 Dentro da terra - sangue preto, sistema circulatório da terra -
 e depois trazida à superfície - energia, finança, propriedade.
 O maior sistema religiosos do mundo -
 o que traz o petróleo do profundo à superfície,
 o centro da terra aos nossos olhos,
 o inumano ao humano.

Situação 2. Descrição de uma natureza morta em palco

(O texto é estruturado em função de um ritmo de tambores, como uma prótese anexa a diferentes ritmos. Ao mesmo tempo, performers ativam diferentes linguagens da história da dança através de seus corpos)



Figura 2. Conferência performance "Antropocenas", João dos Santos Martins e Rita Natálio, Teatro Municipal São Luiz, Lisboa. Fotografia de José Carlos Duarte, 2017.

Ritmo 1

Boa noite, bem vindes
 Gostaria de vos falar sobre alguém
 que fala de uma forma natural.
 Algo ou alguém que fala sobre a terra,
 algo ou alguém ou quase ninguém
 que foca sobre o planeta para falar sobre o planeta
 algo que foca sobre o fundo
 algo ou alguém que foca sobre o centro
 figura já não há
 Planeta Terra não há
 Pacha Mama oxalá
 Madre Tierra acho que não

mas algo faz foco
 centro não tem mas alguém fala
 algo especula
 especula-se sobre comer terra
 especula sobre cozinhar com lava
 sobre larvas lama e lava apertadas em mundos virtuais paralelos
 mundos pós-humanos, pós-retinianos
 embutidos de experimentos em espaços pós-euclidianos,
 alimentados por sentimentos multiuniversais multiespécie
 onde elefantes e pessoas se podem amar nos charcos do poliamor
 onde pessoas humanas e não humanas desfrutam de combinações verbais

em tempos ou durações consequentes com uma ecologia queer
 uma ecologia sem natureza
 em que a fronteira entre o vivo e morto não é assim tão clara
 a fronteira entre espécie e especialidade não é assim tão clara
 a fronteira entre mim e vocês não é assim tão clara
 (e não é certo que haja uma grande divisão entre João dos Santos Martins e aquela
 batata).

Ritmo 2

Nas linhas da superfície
 pairam as formas.
 Ali, desenha-se uma flor
 ali, salta-se na gravidade
 ali, faz-se ginástica
 aqui, alguém massaja uma pele
 beija a pele de uma vaca morta
 o quadro foi pintado com técnicas parasitas
 que consistem em aplicar
 perspectivas de um lugar
 em outro lugar

como usar uma máquina
 para traduzir
 a forma orgânica de uma árvore

ou sobrepor ritmos tribais
 a técnicas ocidentais.

Mesdames et monsieurs, señores e cenouritas:

trata-se de uma natureza morta
 que tenta representar
 uma natureza-mesmo-morta, cadavérica,
 deformada por usos e conceitos
 europeus
 e norte-americanos,
 aquela que colocámos num pedestal e chamámos de Mãe Natureza
 e depois mandámos matar

uma Mãe natureza doente, violada,
 penetrada por cartões de crédito
 espancada
 por armas nucleares
 deitada
 numa cama de hospital
 assistida
 por máquinas
 com vocês.... Isadora Duncan em Pequim!!!

Ritmo 3

É importante lembrar que grande parte da relação ocidental com a natureza, começa com técnicas de representação do mundo natural baseadas em processos de imitação. A natureza é concebida como algo separado da esfera humana, colocado "ali" para ser visto, depois copiado, e só depois contemplado. Depois, no regime moderno da arte, a separação entre sujeito e objeto é tão gritante que poderíamos pensar que uma paisagem pintada substitui o "olhar para uma árvore". O olhar do artista é como um tripê universal, os objetos existem para serem vistos por ele. Ou melhor, os objetos existem a partir do momento em que são olhados. Descartes imagina o mundo projetado numa tela de natureza morta.

Mas as técnicas de imobilização, contenção e silenciamento histórico da natureza vão além de uma mera representação visual. Elas substituem tudo o que entendemos por visão. E mesmo quando já não se copia ou imita a natureza, as obras de arte que tentam criar uma visão transformadora do mundo, passam a ideia de que, ao transformar a "visão" sobre o mundo, é possível transformar o mundo. Representa-se a natureza fora do corpo humano, como algo inerte/parado/estagnado, ou com uma velocidade infinitamente inferior à velocidade humana, portanto, à disposição de ser pensado, representado e organizado pelos humanos. Apresentam-se conceitos e estéticas sobre o mundo baseados na distância abismal - entre humanos e tudo o resto.

Compreender tudo! Representar tudo! Enquadrar tudo, organizar tudo... É uma técnica compulsória de natureza morta que criou os maiores acidentes da história! E reparem, eu não estou a falar de acidentes nucleares ou atômicos. Estou a falar simplesmente de organizar vacas e cães e outras mercadorias que falam, cacarejam, relincham, em supermercados e galerias. Estou a falar da paisagem como algo para ver de fora. Estou a falar de arte mimética, de arte conceptual, arte política ou supostamente política, e todo o tipo de arte baseada no princípio da supremacia visual e intelectual branca da representação.

Philippe Descola, um antropólogo francês do século XX, vai partir justamente desse problema de concepção da natureza para pensar o dualismo infernal do Ocidente entre natureza e humanidade. Ele vai propor chamar "naturalismo" ao esquema de composição do mundo dividido em dois: de um lado, uma natureza destituída de toda a vontade, e do outro lado uma cultura super investida de sentido. Os naturalistas não se pensam como povo porque o mundo já está dado. Eles consideram-se apenas humanos e arrogam-se do direito de pensar toda a humanidade. Os naturalistas somos "nós". Ou melhor, o naturalismo é todos o "nós" que se pensa como universal. Porque o naturalismo considera a existência de uma só natureza e de muitas culturas, ou melhor, de uma só natureza-morta, e de muitas culturas vivas, mas dependentes da natureza-morta, e talvez, mortas-vivas.

Ritmo 4

Mas o que seria do Ocidente, se existissem tantas naturezas como culturas? Nas culturas amazônicas por exemplo - embora diferenciados por suas formas corporais

- animais, plantas, e outros seres do cosmos que tendemos a pensar como não-humanos, pensam-se a si mesmos como humanos. A humanidade é uma questão de perspectiva, portanto, ela pode ser roubada, perdida, e deve ser negociada permanentemente. E se tudo é humano, então tudo é muito perigoso, porque a natureza desaparece do quadro. Tudo é guerra, tudo é jogo de diplomacia entre seres num mesmo plano de igualdade, tudo é “sem representação”.

Então eu pergunto: se existe para o Ocidente apenas uma natureza, o que é afinal... essa natureza?

Ritmo 5

árvores, pedras, peixes,
 ratos, gatos, matos, patos, panos
 pandas pedras pratos
 conas cactos
 canos casas conchas ratos
 mas também
 estrelas ralos
 escadas galos
 esquerda caule
 queda cal
 caralho
 e também
 cágados células
 lâmpadas lápis
 e credos crimes
 e tantos e tantos e tantos
 sacos de plástico
 e nacos de carne embalada
 em super
 mercados
 e também
 pratos linhas riscos travessas
 de cocaína
 e corpos ensacados
 à porta de minha casa
 em São Paulo
 e lesmas e lésbicas
 afundadas em sofás
 costelas de porco
 costelas de adão

algodão caules
 carros e escarros e carros e escarros
 famílias inteiras a fazer piqueniques
 em Monsanto
 almoços fartos de frutos tropicais, frutos asiáticos, frutos do mar,
 e mesas, cadeiras, pratos, copos, talheres
 de plástico
 centrais nucleares
 tsunamis
 Natureza...
 os direitos e os deveres da natureza!
 os direitos e os deveres da natureza!
 os direitos e os deveres da natureza!

cadeados chaves malas algas rodas
 anêmonas névoa água ar
 calcário calcite carvão
 os recursos naturais:
 a natureza barata
 a natureza à disposição
 conas anonas mamas camas
 pão, cu, queijo, queijo
 e também
 os animais sexuais
 fêmeas machos
 e também as raças
 branco preto mulato pardo crioulo mestiço
 e também os feitiços
 indígena índio tribal primitivo originário
 a natureza como norma
 o normal o anormal,
 a natureza natural
 contra-natural
 contrato social
 que boa natureza
 que bela natureza
 que linda natureza
 é sublime
 é lindo!

Situação 5. Conferência antropoceno

(última cena onde se incide sobre a voz científica e a politização do conceito de Antropoceno. Outros conferencistas participam deste momento com suas pesquisas. O texto aqui apresentado é apenas a introdução da conferência feita por Rita Natálio)



Figura 3. Conferência performance "Antropocenas", João dos Santos Martins e Rita Natálio, Teatro Municipal São Luiz, Lisboa. Fotografia de José Carlos Duarte, 2017

Bom, bem vindes. Nós iremos começar por uma conferência sobre o Antropoceno. "Antropoceno" é um conceito introduzido recentemente em painéis internacionais de discussão sobre alterações climáticas. É um fenómeno, um problema, para o qual serve este conceito científico atribuído (inventado?) por dois cientistas e que tenta nomear a relação entre seres humanos e o clima, ou o ambiente que os envolve, dizendo que o clima que temos hoje é o resultado de atividades humanas. Mas o que quer isso dizer? Sugere-se que é possível colocar numa perspectiva inteiramente nova o que aconteceu nos últimos séculos da história geológica do planeta e dizer que, apesar da Terra continuar a girar em torno do Sol, são os humanos que a fazem girar em torno... do que for necessário. Que a temperatura não é um atributo divino. Que a geologia é humana. "Antropo" de "humano". E "ceno" de cena ou de época geológica. Antropo-ceno: a época ou cena geológica dos humanos.

Sejam bem vindes ao Antropoceno! Esta é a primeira imagem que vos quero mostrar. Tudo o que acontece agora, neste exato momento, seria/é/foi/será/fosse determinado pela cena dos humanos-anos-anas-anes. Mas para quem e de onde é apresentada esta cena-ceno? E quem pintou o qua-qua-quá-quá-dro? Antropoceno seria o nome que nos permite olhar a crise climática que vivemos atualmente e que, portanto, seria posterior à convenção do Holoceno - "holo" de *all*, *halls* ou *for alls*-

uma época que durou milhares e milhares de anos - *for halls*. Uma espécie de nova modernidade ao contrário. A espécie humana perspectivada como força ou "agente geológico" determinante em vez de "holo", em vez de todes.

No entanto, se "Antropos" é esta espécie extraterrestre, todos os restantes seres intraterrestres são afetados por ele-ela-el-l. A humanização do clima expressa-se pelo aumento exponencial, desregrado, descontrolado da emissão de gases de carbono, do aumento do nível dos mares, do aumento global da temperatura, do velocidade do degelo, da extinção das espécies, da acidificação dos oceanos, do aumento da população humana sobre a terra, do aumento de restaurantes *Mcdonald's*, enfim, cerca de 20 marcadores que foram estabelecidos para a análise científica e que acelerariam a pique e todos ao mesmo tempo, traduzindo uma excelente ideia de coreografia sem forma. A sincronia comportaria uma perda dos valores de referência para a análise, e perderíamos a capacidade de entender o movimento como acelerado. Portanto, todos os gráficos sobre o Antropoceno são iguais - o humano dissolvido em grandes e graves curvas de aceleração.

Começamos então sem gráficos. Eu gostaria de invocar uma imagem de comunidades indígenas de Dakota do Norte a carregarem uma faixa onde se lê "Somos água" numa manifestação contra a construção de um oleoduto em Standing Rock nos Estados Unidos - um dos países mais fortes da Antropocena - que foi recentemente aprovada por Donald Trump - o pai e o presidente da Antropocena. Essa imagem segue-se de um vídeo de mesmo contexto, de um ativista a ser entrevistado sobre Standing Rock, e que é subitamente cortado pelo avanço de uma manada de búfalos que se juntam à manifestação, e marcham sobre as forças policiais. Se fosse possível fazer equivaler o que acontece no plano ambiental geográfico (também chamado plano de natureza) e o que acontece no plano humano (também considerado plano de cultura), essa coincidência entre plano natural e cultural seria dada pelo Antropoceno: *kamihitoe* 紙一重. A ideia de uma barbárie por vir desse encontro impossível para o olho ocidental. Mas eu pergunto: onde estão os búfalos de Standing Rock nesta equação? Onde colocaríamos a cooperação entre os 370 milhões de indígenas espalhados pelo planeta - cerca 5% da população terrestre - que se posicionam contra grandes projetos de extração de minério, de petróleo liderados por extraterrestres? Ou os bilhões de animais infra-humanos escravizados pelo Antropocena?

Recentemente, o debate científico sobre o Antropoceno migrou do campo das ciências ditas "naturais" para o campo das ciências ditas "sociais". Ao fazer essa migração alguns autores, preferiram chamar este quadro de "Capitaloceno" por entenderem que o humano como extraterrestre é algo que não precisa ser mais incentivado, e que a espécie não deve ser confundida com especialidade. Portanto, estamos na Capitalo-cena, trata de um problema do capitalismo, o capital gera uma ideia de humanidade nefasta. Assume-se a desigualdade entre humanos. E que a crise climática vem da transação, da compra e da venda alucinada dos corpos não humanos infra-humanos desumanos, das mercadorias que falam e das que não falam, da propriedade privada que torna a humanidade dividida entre graus de importância.

Mas talvez seja ainda mais adequado dizer que o marco temporal para o impacto humano no ambiente teria iniciado com o projeto colonial, estabelecendo como marco histórico a chegada às Américas no século XVI. O início do capitalismo:

o colonialismo. Colonialoceno ou Brancosupremaceno: a cena da supremacia branca. As primeiras plantas e sementes transacionadas entre continentes em larga escala, a logística dos navios carregados de corpos negros despossuídos de humanidade, a disseminação de epidemias, a dizimação de comunidades indígenas pelo simples contato com os brancos. Os primeiros grandes desmatamentos, o ápice da monocultura. E no meio deste quadro, um cogumelo chamado “podridão branca” (*white rot*) que come a madeira dos navios britânicos durante suas viagens pelos oceanos, e cria um verdadeiro problema ao avanço da colonização branca. No entanto, mesmo o protagonismo deste possível Fungo-ceno é tapado pela Lua Branca dos Colonizadores, pois até no campo das ideias o fim do mundo deve ser assinado por brancos. E é entre Lua e fungos, cenos e cenas que gostaria de apresentar e convidar desta noite: _____..

Conclusão

Desde 2016, na pesquisa doutoral desenvolvida sobre linguagem e Antropoceno para o conjunto das três performances-conferência intituladas *Antropocenas* (2017), *Geofagia* (2018) e *Fóssil* (2020), assim como na preparação da mostra de cinema *Ameríndia - percursos do cinema indígena do Brasil* (2019)³ na Fundação Calouste Gulbenkian, ou ainda nas viagens de pesquisa organizadas a aldeias Guarani no Mato Grosso do Sul e em São Paulo (2018, 2019, respectivamente), pude constatar a dificuldade em operar através do conceito de Antropoceno para a elaboração de uma pesquisa estética. Se no mundo europeu, onde desenvolvi estas performances, o conceito era entendido e replicado em certos universos estéticos como um atalho para uma constatação simples - a de que estamos em crise - junto a amigos indígenas a discussão não permitia mais do que justapor uma nova palavra a algo que experienciam desde sempre - o fim do seu mundo operando em diversas escalas, fazendo coincidir etnocídio e ecocídio. A performatividade de um “efeito antropocênico” remontaria assim ao despotismo e à sobrevalorização histórica de uma certa acepção do orgânico sobre o inorgânico, de um certo conceito de humanidade imposto a outras perspectivas, de um certo modo de preservar e definir o vivo que assenta sobre o consumo desenfreado de vidas menos nobres ou de não-vidas. Machismo, racismo, capitalismo, antropocentrismo, ocidentalocentrismo e cisgeneridade erguem o templo Antropoceno, que se parece mais com uma barragem modificando e contendo intencionalmente o fluxo do pensamento, do que o surgimento de uma nova corrente de água em lugar improvável. Um condicionamento, portanto, mais do que um portal para a reflexão e a ação.

De que serviria então declarar uma nova época geológica, senão para assinalar com novidade um antigo processo fractal de violência? Não se trataria de designar novos nomes para velhos problemas? E que real alteração provocaria este conceito, para além de realocar uma certa atenção sobre os processos inerentes às disciplinas da geologia e da geografia?

Em modo de conclusão, gostaria de frisar que a prática de escrita da performance “Antropocenas” estava consciente destas dúvidas e buscava menos a redefinição da prática artística a partir do conceito Antropoceno, do que a

³ Ver em: <https://parasita.eu/rita-natalio/mostra-amerindia-2019/>

reelaboração de uma linguagem predisposta a conviver com os sintomas da “perda da Terra”, ou melhor, a conviver com a perda de cosmovisões plurais sobre a Terra. Habitar a falha da língua colonial portuguesa, experienciar o seu limite como instrumento de corte e de separação, ou ainda constatar o limite do espaço teatral e das suas convenções de representação, foram alguns dos processos que “Antropocenas” permitiu experienciar, abrindo caminho a uma prática de trabalho mais vinculada aos problemas que (d)enuncia, e também abraçada a outras práticas, pessoas e saberes. De certo modo, este trabalho esteve na origem de um percurso que culminou na formação da rede Terra Batida⁴ que, desde 2020, organiza programas de residência artística para que artistas, cientistas e ativistas se cruzem no acompanhamento de conflitos socioambientais, numa processualidade estética em disputa com formas de violência ecológica e políticas de abandono em Portugal, estudando de perto a hegemonia e a monocultura da violência ecológica através de processos artísticos e do cultivo de sensibilidades biodiversas.

Referências

BERARDI, Franco Bifo. **The uprising: on poetry and finance**, Los Angeles: Semiotext(e), 2012

DESCOLA, Philippe. **Par-délà nature et culture**, Paris: Éditions Gallimard, 2005

DESCOLA, Philippe. **L'écologie des autres - L'anthropologie et la question de la nature**, Versailles: Édition Quae, 2011

MOTEN, Fred. HARNEY, Stefano. **The undercommons – Fugitive planning & Black Study**, New York: Minor Compositions, 2013

⁴ Ver em: <http://terrabatida.org>